

41º Encontro Anual da Anpocs
SPG05 – Casa, comida e gênero: olhares etnográficos

**As dinâmicas de trabalho das mulheres na agricultura familiar a partir do
assentamento Josué de Castro**

Jéssica Cristina Ferreira da Silva
Mestranda do Programa de Pós Graduação em
Antropologia Social do Museu Nacional
(PPGAS/MN/UFRJ)

Caxambu, 23 – 27 de outubro de 2017

Introdução

Esta presente pesquisa traz como objetivo a análise da circulação de mulheres nas atividades que compõem o chamado sistema de roça, a partir da produção de alimentos, visando, especificamente, pesquisar o processo de sociabilidade, considerando os procedimentos de trabalho das mulheres num assentamento rural, focalizando a investigação a partir das seguintes categorias: aqueles que possuem *mão boa para plantar* e aqueles que *não possuem mão boa para plantar e os de casa e os que não são de casa*. Além disso, destaca-se a importância sobre a relacionalidade das casas e, conseqüentemente das pessoas nas atividades de roça, no cultivo, no processo de *familiarização*¹ que ali se cria, demonstrando que a circulação de pessoas, coisas, comidas, alimentos, flores e etc. colabora para a constituição de lugares, assim como para a circulação dos indivíduos por eles, possibilitando a criação de uma *malha* de relações (INGOLD, 2015).

A área de investigação desta pesquisa é o assentamento rural Josué de Castro, localizado no município de Campos dos Goytacazes, norte do estado do Rio de Janeiro. Historicamente, essa região foi a primeira a possuir *ocupações reivindicatórias*², fazendo emergir um novo método de reivindicação de terras no estado do Rio de Janeiro (MACEDO, 2010). Atualmente, Campos dos Goytacazes conta com 09 assentamentos, dentre eles Josué de Castro, criado em 2007, contando com 34 beneficiários, segundo o INCRA.

¹COMEFORD, John Cunha. “**Como uma família**”. **Sociabilidade, reputações e territórios de parentesco a construção do sindicalismo rural na Zona da Mata de Minas Gerais**. Tese de doutorado. PPGAS-MN – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

²Ocupação reivindicatória: o ato por meio do qual um grupo de famílias, de tamanho variável, ocupa uma área e nela monta um acampamento com objetivo de reivindicar junto ao Estado a sua distribuição entre os ocupantes (SIGAUD ET.AL.2010). Em Campos, esta primeira ocupação traz o caso do Imbé, que teve como protagonista Zé Pureza. As terras foram desapropriadas em maio de 1963, no entanto essa desapropriação foi revertida durante a ditadura militar. Durante o período em que os ocupantes permaneceram no Imbé, foram criadas formas de organização, como o “decálogo do Imbé” e comissões de trabalho, a fim de ordenar e reger o grupo.

A constituição de um assentamento está condicionada ao reconhecimento de uma área como improdutiva e a partir de então o Estado, por meio de seus trâmites de desapropriação e compra desta propriedade, realiza as demarcações desta área para posteriormente distribuí-las entre as famílias que receberão a concessão do uso e posse da terra, para fins de moradia e trabalho. Assim, caracteriza-se como uma unidade familiar uma vez que ali se estabelecem relações de moradia e de trabalho, partilhadas pelos membros de cada parcela de terra. É válido ressaltar que nos moldes de assentamento rural, a partir das bases do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o discurso ideológico da “*terra para quem trabalha*” (MICAËLO,2014) serve para demonstrar a importância da produção nos assentamentos rurais, e que por meio de vários estudos³ evidencia-se que a presença da mulher nas atividades da roça são essenciais para fortalecer esse lema.

Assim como a caracterização do espaço obedece ao ordenamento das atividades que estão sendo executadas num dado momento, congregando ao mesmo tempo a característica de ser uma unidade familiar e uma unidade produtiva, a circulação dos alimentos entre as casas dentro e fora do assentamento demonstra como os lugares sociais dos indivíduos podem ser fluidos. Tal constatação reforça a importância de que a plasticidade nas dinâmicas sociais fazem com que homens e mulheres possam circular por diferentes lugares, sem obedecer à crença de espaços delimitados pelo sexo, permitindo que um e outro possa se evidenciar. Dessa forma, a abordagem de gênero proposta neste trabalho, sobretudo priorizando observar as atividades realizadas pelas mulheres partiu da necessidade de desmistificar a noção de *trabalho pesado*, como atributo do homem, e a noção de *trabalho leve*, atribuída à mulher (PAULILO, 1987).

A divisão do trabalho por viés de gênero é uma realidade presente no discurso social e, por vezes, também constatado na prática. Durante décadas a noção de divisão sexual do trabalho circunscreveu os locais que deveriam ser ocupados por homens e mulheres na sociedade, tanto na dinâmica do mercado de trabalho quanto na esfera do trabalho doméstico. No mundo rural esta concepção em dividir o trabalho em termos de gênero também não está descolada da realidade urbana, aparecendo discursos em que se evidencia

³Barbosa (2013); Souza (2006); Scott et.al. (2010); Silva; Schneider (2010); Baptistella; Francisco (2005); Bruno (2012).

a cristalização de formas de trabalho destinadas aos homens e outras destinadas às mulheres. Desse modo, entender a relacionalidade dos papéis e lugares sociais torna-se salutar, pois considerando que a noção de gênero está ligada à questão cultural faz com que a ideia arbitrária de imutabilidade dos papéis sociais seja posta em xeque. Santos⁴ (2002 apud SILVA; SCHNEIDER, 2010) coloca que a noção de gênero se relaciona com a cultura sendo formadora e formada por ela, mostrando como cada sociedade lida com as diferenças entre os sexos. “O conceito de gênero questiona o que é dado como natural e biológico, demonstrando que o papel da mulher na sociedade pode ser alterado com benefício para o todo” (SILVA; SCHNEIDER, 2010, p.186).

Destarte, este artigo apresenta alguns resultados de pesquisa etnográfica, iniciada em 2015 no assentamento em tela, cujas observações de campo ocorreram no assentamento e nas feiras de comercialização de produtos da roça, em que pude acompanhar, majoritariamente, o trabalho desempenhado pelas mulheres. Num primeiro momento, propõem-se demonstrar como a questão de gênero pôde ser experienciada no campo, a partir de algumas atividades realizadas tanto no âmbito doméstico, como na área de pasto e roça, além de estar presente no discurso dos informantes. No segundo momento, demonstrei como a categoria de aproximação e distanciamento como *os de casa e os que não são de casa* está intimamente ligada à uma outra *os que têm mão boa para plantar e os que não têm mão boa para plantar*. Tais categorias implicam numa relação estreita com trabalho na roça, que encontra-se além de uma lógica economicista e de subsistência. Aqui o trabalho aparece como uma categoria moral, mostrando suas visões de mundo, elaboração de calendário agrícola, articulação de saberes tradicionais com saberes modernos, dimensões religiosas, suas relações com a terra e a sociabilidade do grupo.

“O boi não gosta de mulher e nem de criança”

⁴SANTOS, Tânia S. **Carreira Profissional e Gênero: a trajetória de homens e mulheres no contexto da feminização da medicina**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFRGS. Porto Alegre, 2002.

Manu⁵, minha informante principal, foi quem me recebera em sua casa para passar alguns dias com sua família. Coabitam com ela seu marido, Tito, seu filho mais novo, seus dois netos e sua mãe. Cada integrante da família possui tarefas de referência, não sendo estas distribuídas de modo proporcional, fazendo com que Manu e Tito concentrem um maior número de tarefas. Quanto às crianças, por possuírem pouca idade e o jeito franzino, fazem tarefas que são consideradas compatíveis com a sua idade, 05 a 08 anos. À sua mãe, dona Natália, cabe a tarefa de cuidar das crianças, tarefa que é compartilhada por ambas, tendo em vista que as crianças transitam frequentemente de uma roça à outra⁶. Seu filho mais novo cuida da égua e alimenta as aves, após o expediente de trabalho fora da propriedade. Seu Tito, que também trabalha fora da propriedade, ao retornar à casa no fim da tarde, cumpre suas tarefas com o boi e segue efetuando pequenos reparos em ferramentas, cadeiras, mesas e etc.

Importante salientar que nenhuma tarefa é exclusiva dos indivíduos, podendo cada um deles circular por essas atividades conforme alguns *imponderáveis da vida cotidiana*. Alguns exemplos destas situações puderam ser constatada em campo: o caso de Manu, quando seu Tito vai trabalhar em outra propriedade, realiza a tarefa com o boi. Por sua vez, seu Tito, aos finais de semana quando Manu sai para fazer seu curso de derivados do leite na cidade ou quando ela vai participar de alguma feira durante a semana, encarrega-se do cuidado das crianças. Tal circulação também ocorre em caso de doença de algum integrante da família. Neste caso, a tarefa da pessoa que se encontra adoecida é repassada para aquele que está presente na casa no momento. O princípio da hierarquia familiar, sobretudo de mãe e/ou pai para filho, também é um fator que contribui para a circulação dos sujeitos por lugares sociais. Seu filho mais novo, solteiro e adulto, sempre que solicitado, executa tarefas como varrer a casa, fazer bolo, lavar louça e cuidar das crianças, tarefas consideradas domésticas e majoritariamente executada pela mulher. Outra variante é a questão geracional que faz com que homens e mulheres circulem por várias atividades, como no caso da mãe de Manu, que com 73 anos pede que a filha, seu marido ou algum

⁵ Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

⁶Embora resida na mesma parcela, Manu e sua mãe mantêm roças separadas, compartilhando apenas aquilo que não cabe na parcela de cultivo de sua mãe, no que tange aos produtos da roça.

vizinho, este último mediante a pagamento em dinheiro, realize atividades que ela considera mais pesadas.

Pode-se dizer que esta lógica de circulação de homens e mulheres de acordo com alguns imponderáveis da vida cotidiana reflete aquilo que Malinowski (1984 [1922]) trata de fatos significativos da vida real que fazem parte da verdadeira substância do tecido social, sendo eles que tecem os inúmeros fios que mantêm a coesão familiar. Na dinâmica da vida cotidiana do assentamento Josué de Castro, tal circulação a partir destes imponderáveis, permite a transposição da visão tradicional da divisão do trabalho em termos de sexo e lugares atribuídos ao gênero. Um caso bastante emblemático é com relação as tarefas com o gado, na ordenha, no cuidado no curral com a alimentação, na soltura para pasto, dentre outras. Um dos netos de Manu disse “*o boi não gosta de mulher e nem de criança*”⁷, trazendo a crença que, pela construção de uma relação do animal com o humano, em que àquele possui um “gosto próprio”, impediria a permanência da mulher e criança naquele espaço, o que conseqüentemente faz com que no imaginário social daquele lugar as atividades relacionadas ao gado sejam de competência masculina. Mas na prática a realidade é outra, mesmo em se tratando das crianças. Para além de uma construção histórica das relações de gênero, verifica-se que há uma outra relação que passa por outras instâncias, como na relação do humano com o animal, humano com plantas, humano com coisas. De todo modo, ainda que discursivamente cria-se essa circunscrição dos lugares por onde homens e mulheres circulam, na prática essas linhas desaparecem, borrando-se o tempo todo, não sendo possível cristalizar o lugar de cada um. Ingold (2015) nos traz mostra que o movimento é o que permite a criação dessa malha de relações, a partir da criação de lugares, estes, delimitados pelo movimento:

Os lugares, então, são como nós, e os fios a partir dos quais são atados são as linhas de peregrinação. Uma casa, por exemplo, é um lugar onde as linhas de seus residentes estão fortemente atadas. Mas estas linhas não estão contidas dentro de uma casa tanto quanto fios não estão contidos em um nó. Ao contrário, elas trilham para além dela, apenas para prenderem-se a outras linhas em outros lugares, como os fios e outros

⁷ Entre os zulus, o gado é um tabu para as mulheres. Somente os homens retiram o leite da vaca, por exemplo. In: Gluckman, **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Brasília: Cadernos de antropologia, 1974.

Entre os Nuer, o cuidado com gado é uma atividade masculina executada por adultos e/ou crianças. In: Evans-Pritchard, **Os Nuer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

nós. Juntos eles formam o que chamei de *malha*. Os lugares, em suma, são delineados pelo movimento [...]. (p.220)

Tal circulação de lugares possibilita a criação dessa *malha* de relações que colabora para alternância dos lugares sociais dentro do assentamento.

“Mão boa nossa é trabalho debaixo de chuva e debaixo de sol”

Por meio da minha aproximação com Manu, frequentando sua casa, auxiliando-a nas tarefas da roça e doméstica durante o tempo de pesquisa, pude ter acesso a rede de casas da qual ela faz parte. Em sua casa pude presenciar alguns acontecimentos importantes que dizia respeito a um coletivo maior do assentamento, como a organização de feiras, a produção do queijo, reuniões para traçar pautas para audiências públicas, além do cultivo de mudas e flores, que tem sua mãe como referência. Em sua casa conheci várias pessoas, dentre elas, Luna e o casal Lídia e Tom. Foram feitos levantamentos sobre os produtos que eram produzidos em cada roça, classificando em hortaliças, raízes, frutas, legumes, dentre outras. Ao sistematizar a tabela foi possível perceber que os alimentos (e também as flores) presentes em cada roça e horta eram muito parecidos, além de serem semelhantes também a disposição dos quintais. A partir da produção e da diversidade de culturas encontradas nos lotes assinalados, faz com que este grupo seja reconhecido pelos demais como aqueles que têm *mão boa para plantar*. Tal categoria encontra-se em oposição àqueles que *não possuem mão boa para plantar*. Esta categoria acusatória encontrada na sociabilidade da rede de casas em que se desenvolveu a pesquisa de campo passa pela questão do cultivo, do ponto de vista de fartura, para àqueles que possuem mão boa, e escassez, para àqueles que não possuem mão boa. Manu afirma que não existe mão boa atribuída a outra natureza que não seja o trabalho árduo. *A mão boa nossa é trabalho debaixo de chuva e debaixo de sol*, disse-me em uma conversa. Dessa forma, só por meio do trabalho árduo que consegue ser alguém detentor da *mão boa para plantar*. Em contrapartida, para aqueles que se consideram como não detentores de uma mão boa para o plantio, a prosperidade da roça dos outros está atribuída a sorte.

“A hora que Deus mandar chuva eu semeio.”

Num dia ensolarado e quente quando chego ao quintal de dona Natália, encontro-a embaixo da tenda que protege as mudas e a horta do sol, cobertura feita de folha de palmeira, preparando algumas mudas de noni e de tamarindo que iria levar para sua colega do curso que realiza aos sábados. As mudas de noni, como foram encomendadas, seriam destinadas à venda. Já as mudas de tamarindo seriam presente. Dona Natália se orgulha de quantas mudas consegue fazer, a ponto de lhe faltar espaço para acomodá-las embaixo da tenda. Ela presenteia frequentemente os amigos, visitantes e colegas com uma muda, mas com uma exigência: tem que plantar e cuidar. Não se deve receber uma muda e deixar morrer, pois dessa forma morre parte de um trabalho feito pela terra, por quem cultivou e por Deus.

O relato etnográfico acima demonstra que o trabalho daqueles que possuem *mão boa para plantar* não passa apenas do dispêndio de força humana, mas também do trabalho da própria terra e de Deus. Parte-se do “triângulo Deus, Homem e Terra”:

Configura-se uma relação de reciprocidade entre os três pólos daquele triângulo. O trabalho do homem implica respeito para com a terra (e a natureza em geral), esperando aquilo que “ela pode dar”, em especial, os alimentos que é capaz de produzir.

(WOORTMANN, 2009, p. 119)

Sendo assim, parte-se da relação entre DEUS-HOMEM-TERRA para que se viabilizem os resultados positivos da produção. O trabalho do homem é preparar a terra, fornecendo os nutrientes necessários, como adubo, água, sendo a terra responsável por receber a semente, retribuindo o cuidado do homem com uma colheita abundante e, por fim, o trabalho de Deus que é fazer cair a chuva. (WOORTMANN, 2009).

O clima, aliado à permissão divina é crucial para determinar as tarefas que serão executadas ao decorrer do dia, bem como a cultura que será semeada. Conforme numa conversa com dona Natália, ela reclamava que não estava conseguindo manter as hortaliças

bonitas, pois o clima estava muito seco e o sol estava queimando as plantas. Ela também reclamou que estava com algumas sementes para semear, porém precisava que chovesse. Ela disse “*a hora que Deus mandar chuva eu semeio, não tem problema que eu espero*”. Ela possui um livro que tem informações sobre as sementes e a melhor época para semear cada uma delas. Embora quisesse semear as sementes de figo para seguir o livro, ela explicara que embora tenha livros, “*o homem não pode saber mais do que Deus, pois quando ele começa a saber muito, Deus vem e muda tudo*”. Para ela, “*o trabalho tem que ser executado conforme dá. Quando não dá pra fazer um, faz outro*”.

A preocupação com a diversidade não está apenas atrelada ao modo de produzir, a partir de conhecimentos advindos das práticas familiares, de livros ou de cursos, mas também ao que se semeia. Gomes (2015) ao relatar sobre a participação das mulheres na economia agrícola dos quilombos, e partindo da concepção de que eles são a base do campesinato no Brasil, demonstra que, embora a história perspectivada a partir dos relatos dos comandantes de tropas, referindo-se às fugas e aos enfrentamentos, diminuindo a abordagem para assuntos relacionados a famílias, cultura e poder político, demonstra que cabia às mulheres assegurar a reconstrução dos quilombos, a partir dos grãos que escondiam em seus penteados:

Certos mitos da memória coletiva de alguns remanescentes revelam a função das mulheres. Cabia a elas esconder o máximo de grãos na cabeça – entre seus penteados – e escapar para as matas, o mais longe possível. A economia de um quilombo atacado era reconstruída a partir desses grãos.

(GOMES, 2015, p.39)

Dona Natália, preocupa-se em assegurar a diversidade de culturas, pois segundo ela *a terra pega de cada planta o nutriente que ela precisa*, outro ponto importante na diversificação no caso de pragas ou seca. Segundo ela, se tiver apenas um tipo de cultura, caso haja algum ataque de praga ou uma seca muito forte, como foi o caso do aipim, que devido à seca do ano de 2014 ele ficou inviável para a venda, podendo ser utilizado apenas para alimentar os animais, haverá outros alimentos que poderão entrar no circuito de venda e no consumo. Além disso, como fator importante para o cultivo de várias espécies e a

elaboração das mudas, está a possibilidade, como ela mesma disse, de haver dona Natália *espalhada pelo Brasil inteiro*, já que a sua lógica de produção está voltada não apenas para a comercialização, mas para diversidade, perpetuação de laços, ao dar as mudas para seus amigos, parentes e conhecidos, pelo prestígio, por poder ser reconhecida por produzir várias mudas a ponto de tê-las no Brasil inteiro. O cuidado com as sementes, tanto de culturas de gêneros alimentícios, quanto culturas de ornamentação, como o caso das flores (muito embora seja difícil distinguir, nesse contexto de dona Natália, comida, remédio e enfeite), torna a função de dona Natália essencial para o sistema de roça e sociabilidade do assentamento, pois ao iniciar ou refazer uma roça, muitos a procuram a fim de conseguir mudas, estendendo-se para além de seu próprio quintal.

Rede de casas e redes de trabalho

Este assentamento rural é constituído por integrantes oriundos de diversas localidades, fazendo com que muitos deles tenham ficado por algum tempo sem retornar ao seu local de origem. Comeford (2001) chama atenção para o conceito de familiarização e recomposição familiar ao relatar sobre a readaptação e a inserção de uma família que se muda para outra localidade rural numa nova rede de relações. A partir da recomposição familiar por quais os assentados passam ao se inserirem nesta nova localidade rural, permite-se o surgimento de uma nova vicinalidade (Pina - Cabral e Godói, 2014).

Nesta estrutura de assentamento, em que muitos se conheceram na época de militância nos acampamentos⁸, cabe considerar que uma casa não pode ser descrita somente por aqueles que têm entre si relações de consanguinidade.

Foi possível notar em minhas visitas que, tanto na casa de Manu quanto na casa de dona Luna a casa encontra-se localizada numa espécie de área central do terreiro, e rodeada pela roça, pelas flores, pelas árvores e pelo pasto, este último localizado aos fundos de ambas as casas, possuindo uma cerca para que o gado não entre no espaço destinado à roça. Em ambas as casas as árvores frutíferas, como laranja, mangueira, bananeira estão

⁸Sigaud et. al (2010) descreve os acampamentos como estruturas feitas de madeira, coberta por lona preta, marca que ficou conhecida nos moldes dos acampamentos do Movimento dos Sem-Terra - MST.

localizadas na parte da frente da casa, na região mais afastada, enquanto as hortaliças e legumes são cultivados também na parte da frente, porém mais próximos à casa. Também em ambas as casas há um galinheiro localizado na lateral da casa e a presença de animais domésticos, como cachorro e gato. No caso de dona Luna, sua casa atual é provisória⁹. Ela está preparando o arredor do local onde será construída a casa de alvenaria, plantando flores, como rosa de diversas cores e lírios. Chamou-me atenção a similaridade da constituição dos terreiros, na disposição dos espaços de roça, criação de pequenos animais e do pasto. Esta similaridade está relacionada à proximidade que uma casa mantém com a outra a partir das relações sociais que há entre elas, na troca de mudas, no compartilhar do alimento, no auxílio em tarefas e etc. Conforme Luna relatou *antes de Manu não havia flores em seu terreiro*, evidenciando a importância da circulação de coisas por seus quintais para reafirmar um laço.

Essa relação entre as casas está cunhada no conceito de vicinalidade em que os espaços da morada tendem a se agregar territorialmente segundo lógicas plurais, como amizade, interesse político, geração, afinidades, matrilateralidade, etc., formando assim conglomerados abertos com importantes implicações para a ação social (Pina Cabral e Godoi, 2014). Isto significa que as casas possuem relação entre si, constituindo-se dependentes uma das outras. Como Louis Marcelin (1999) cita sobre o caso da Bahia, “os de casa” não são somente aqueles que lá dormem. No assentamento Josué de Castro “os de casa” se mostra como uma categoria que busca traduzir as relações em que dada rede de casas se encontram, trocam saberes, compartilham tarefas, fazendo circular alimentos, pessoas, conhecimento e etc, de um quintal a outro.

Numa vez em que houve uma grande encomenda de *queijo tipo minas*¹⁰, conseguida por Tom, marido de Lídia, havia dois impedimentos para que eles próprios pudessem fazer: o primeiro pelo fato de Lídia não possuir muita experiência na fabricação

⁹ Luna chama de casa provisória ou barraco, pois para ela casa de verdade é uma casa feita de alvenaria. Sobre este aspecto Sonia Bergamasco apresenta em seu artigo “*Novas concepções de moradia no meio rural: Uma reflexão a partir de assentamentos rurais no estado de São Paulo*” um apontamento sobre a renúncia por parte dos assentados às técnicas tradicionais de construção, atribuindo à conquista de ascensão social quando se tem uma casa feita de alvenaria.

¹⁰ Tipo de queijo brasileiro, de forma arredondada e consistência mole, em que seu modo de preparo é originado de Minas Gerais. É considerado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como patrimônio imaterial do país. Ver em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/65>

do queijo, e o segundo, a quantidade de leite disponível para dar conta da encomenda. A quantidade de leite retirada por Tom não supria a quantidade necessária para se fazer o queijo. Sendo assim, ele pediu auxílio à Manu, sugerindo que juntasse a metade do leite necessário para dar conta da encomenda. O espaço escolhido para fabricação foi à casa de dona Manu, precisamente aos fundos da casa, onde seu marido havia recentemente construído um fogão a lenha.

Aos fundos da casa, durante a produção do queijo, ficam apenas as mulheres e as crianças, que por vezes recomenda-se que elas não fiquem ao redor por estar perto do fogo e evitar acidentes. Durante a feitura do queijo, que por muitas vezes requer momentos de espera, Manu e Lídia aproveitam para conversar. Numa dessas conversas, Lídia conta sobre os tempos que vivera no acampamento e de como era bom pelo fato de haver união entre o grupo. Ambas concordaram que nos tempos antigos havia mais coletividade, pelo fato de terem menos acesso a bens, como celular, geladeira e TV:

Naquela época não tinha TV, geladeira, Zap¹¹ e quando as pessoas matavam um porco fazia um panelão para todo mundo. Acendíamos a fogueira e ficávamos fazendo churrasco noite adentro. Era trabalhoso, mas havia união.

Lídia (Dezembro, 2015)

O fato de muitos de seus companheiros de acampamento terem conseguido seus lotes para produção, segundo Manu e Lídia, provocou o distanciamento das pessoas não só em relação às atividades produtivas, antes executadas em conjunto, como também com as atividades de lazer. Essas relações tendem a ser (re) estabelecidas conforme vão surgindo oportunidades para realizar comercialização de produtos, quando se aprende uma nova técnica de produção e tendem a multiplicar os saberes entre os mais chegados, no compartilhar de uma receita ou na busca de meios de subsistência. A partir de então, cria-

¹¹ Aplicativo de mensagens que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS (Short Message Service), chamado WhatsApp.

se uma rede de casas ligadas pelas relações de trabalho e afinidade, tendo como protagonista destas relações os trabalhos executados pelas mulheres.

“Se a gente não trabalhar a terra, a gente some enquanto trabalhador rural”

Fato inegável é a importância que o trabalho tem na vida das mulheres do assentamento. Bem no início de minha pesquisa, ainda numa fase bem germinal e de descoberta do campo de pesquisa, ao ser indagada pelas interlocutoras sobre o que se tratava meu tema de pesquisa, disse que queria entender o trabalho que elas desempenhavam no assentamento. Imediatamente ouvi *“isso mesmo porque as mulheres trabalham demais”*. O reconhecimento do trabalho executado por elas é algo importante na sociabilidade local, uma vez que ele não se encerra no “final do expediente”, mas está atrelado a questão de identidade camponesa. Conforme Manu relatara em uma de nossas conversas, *se a gente não trabalha a terra, a gente some enquanto trabalhador rural*. Além disso, evoca-se um conhecimento prévio e íntimo com a terra, na associação de saberes tradicionais aos saberes aprendidos nos cursos, na crença no divino como provedor das condições climáticas adequadas, tornando-as transmissoras de todo conhecimento aprendido.

O reconhecimento da importância da mulher é algo muito visível dentro do assentamento, presente também no discurso masculino. Apesar das minhas conversas com Tom, o homem com que tive mais contato do assentamento, ser na maioria das vezes em tom de brincadeira (pois ele adora contar piadas e histórias engraçadas de seus tempos de acampamento), ele afirma que com a *mulherada* do assentamento não tem tempo ruim. Elas pegam na enxada, vão pra rua vender, vão pra Câmara defender seus interesses. Por diversas vezes ele repetiu que *“quem manda aqui são as mulheres”*. Um exemplo empírico deste fato foi durante a organização da pauta de reivindicações para uma audiência pública que iria ocorrer na Câmara Municipal. Havia dois homens, entre eles Tom, num universo de aproximadamente doze mulheres. Durante construção da pauta houve muita discussão, concordâncias e discordâncias que foram conduzidas até a construção de uma pauta comum, respeitando cada indivíduo ali presente. Tudo era votado e incluído ou não de

acordo com o desejo da maioria, sem distinção de sexo e outras variáveis, possibilitando o reconhecimento de todos como sujeitos.

Nas primeiras visitas ao assentamento, realizadas nos meses de maio e junho de 2015, presenciei alguns momentos em que o grupo de Manu, constituído por ela, mais três mulheres e Tom saía para vender seus produtos na feira realizada na UENF¹². Esta feira, destinada ao grupo que faz parte da RECASOL¹³, vendia hortaliças, legumes, adubo, bolo, doces, *garrafadas*¹⁴, além de peças de cerâmica para ornamentação. A feira era majoritariamente formada pelas mulheres que levavam os produtos produzidos em seus lotes para venda. Enquanto isso, os homens, em grande parte, se ocupavam em ficar em casa cuidando do lote e das crianças, quando chegavam da escola. Fora a feira realizada na UENF, quando havia fartura de colheita, eles enviavam os alimentos para serem vendidos pela cooperativa.

Outro momento de minha pesquisa concentrou - se nos meses de novembro e dezembro. Nestes meses não foi realizada nenhuma feira e o que mantinha a relação comercial era o leite e seus derivados, como queijo e iogurte. Enquanto as mulheres cuidavam do lote e das crianças, os homens saíam para trabalhar em outras propriedades, como fazendas em lugarejos próximos ao assentamento ou em fazendas localizadas em cidades próximas, como São João da Barra, por exemplo.

O calendário produtivo, especificamente voltado para a comercialização, influi no modo de organização social do assentamento. Se nos meses de abril, quando se inicia a colheita, a agosto, as mulheres costumam sair do assentamento para comercializar os produtos na cidade, enquanto os homens ficam realizando as atividades na unidade familiar ou em outras propriedades rurais, esta situação se inverte quando setembro a janeiro. Nos

¹² Universidade Estadual do Norte Fluminense.

¹³ Rede de Economia Solidária – RECASOL, que é um projeto desenvolvido por pesquisadores e colaboradores da região norte fluminense, com a finalidade de desenvolver uma economia solidária, com foco em estruturar e organizar os empreendimentos populares, como cooperativas, núcleos de agricultura familiar, pescadores artesanais, grupos quilombolas, dentre outros.

¹⁴ Composto de ervas vendido em garrafas utilizado para cura e prevenção de várias doenças.

meses de fevereiro e março ambos permanecem na casa, pois são os meses que demandam maior carga de trabalho, por conta da preparação da terra e a semeadura.

O fato de não venderem hortaliças nos meses de setembro a fevereiro explica-se pelo fato do clima seco interferir na qualidade das plantas, sobretudo a partir do valor estético:

Essas horta que tão aqui não dá pra vender não, minha filha, estão muito feias. Eu como, mas sei que as pessoas não vão querer comprar não. Também não ia querer comprar um treco feio.

Dona Natália (Dezembro, 2015)

O valor estético é invocado tal como em Malinowski (1984), como uma distinção daquele que é bom hortelão. Além disso, o reconhecimento da categoria de trabalhador rural está a todo o momento concretizada em seus produtos, fazendo com seus trabalhadores se reconheçam no que produzem. Dessa forma, não seria adequado vender produtos feios, pois não reflete verdadeiramente o trabalho despendido naquela horta, tampouco revela a sua identidade camponesa.

Assim como McCallum (1998) relata sobre a sociabilidade Kaxinauá, demonstrando que tanto o homem quanto a mulher experimentam o interior e o exterior, vivenciando o que ela chama de agência masculina e agência feminina, no contexto do assentamento, ambos convivem nas esferas, a da produção e da reprodução. A comercialização de alimentos, por exemplo, possibilita o reconhecimento da propriedade dos lotes, do ponto de vista referencial frente àqueles que estão de fora do assentamento, sobre aquele que participa das zonas de comercialização de seus produtos. Sendo assim, se o homem vai à feira, ele é a referência para aquele lote. Se a mulher vai à feira, a referência torna-se ela. Os lugares não são rígidos, pois estão atrelados às atividades que um e outro desempenham para além do assentamento. Delimitar essas relações de trabalho à exterior como pertencente ao universo masculino e o interior como determinante do universo feminino seria engessar as múltiplas relações que se realizam em Josué de Castro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se compreender o modo como o sistema de roça no assentamento Josué de Castro serve para nos explicar as relações de circulação de mulheres e homens por diferentes esferas da vida social, concentrando estas análises naquelas atividades desenvolvidas pelas mulheres. É fundamental observar que por meio de diversas mudanças ocorridas nas relações de gênero com o advento da modernidade, ampliaram-se os lugares de circulação da mulher, uma vez que numa sociedade em que só o homem participava da esfera pública da vida, essas alterações permitiram ela sair da esfera privada e exercer outros papéis sociais.

Também na realidade rural, os lugares de circulação da mulher ampliaram-se, a partir dos assentamentos e acampamentos rurais em que, por meio da luta e resistência, com o intuito de assegurar uma terra para se trabalhar, homens e mulheres precisaram se unir para concretizar suas produções, a fim de lhes garantir melhores condições de vida. A constituição híbrida do lugar de moradia e do lugar da produção, nesse contexto, impossibilita a separação sistemática desses dois lugares, favorecendo a circulação das mulheres por esses dois ambientes. Além disso, a vicinalidade deste grupo permite a circulação entre casas, através da circulação de alimentos e flores para o cultivo, estabelecendo comunicação entre elas. A respeito das dinâmicas do trabalho desenvolvido pelas mulheres, as categorias classificatórias indicam que a dimensão do trabalho permeia a sociabilidade do grupo, valorizando aqueles que possuem fartura em suas roças, possibilitando a circulação de alimentos e pessoas entre as casas, perpetuando laços e assegurando a diversidade da produção dentro e fora do assentamento.

Seria desonesto não mencionar que no imaginário social, por consequência de anos de subordinação das mulheres aos homens, oriunda de uma sociedade patriarcal perduram-se muitas diferenciações entre homens e mulheres, como refletida na fala do garoto – *boi não gosta de mulher e nem de criança* -, mostrando que de algum modo ainda há resquícios da ideia de lugares que são próprios para homens e aqueles que são próprios para mulher. No entanto, o que se percebe na maioria das vezes é a valorização da equidade, permitindo que a mulher ocupe centralidade em suas ações, não sendo coadjuvante do homem, possibilitando assim, caminhos para seu empoderamento e autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Alves Neta. **Mulheres na agricultura familiar no semiárido norte-mineiro: divisão social do trabalho e gênero no Projeto Jaíba**. 2013. 223p. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

BAPTISTELLA, C. S. L; FRANCISCO, V. L. F. S. **O trabalho feminino no rural paulista**. 2005. Disponível em:
<<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=1653>>. Acesso em: 05 de março de 2016.

BRUNO, Regina. **Sobre afetos e desigualdades de gênero: as assentadas dos grupos produtivos de mulheres**. Revista Anhtropológicas. v.23, n.1. (2012), Universidade Federal de Pernambuco, PE.

COMEFORD, John Cunha. **“Como uma família”**. Sociabilidade, reputações e territórios de parentesco a construção do sindicalismo rural na Zona da Mata de Minas Gerais. Tese de doutorado. PPGAS-MN – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Interesse pelo gado**. In: *Os Nuer*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

GLUCKMAN, Herman Max. **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Brasília: Cadernos de antropologia, 1974.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1ªed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Painel dos Assentamentos**. Disponível em: <<http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php> >. Acesso em: 13 de junho de 2015.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

MALINOWSKI, Bonislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril 1984 [1922].

McCALLUM, Cecília. **Alteridade e sociabilidade Kaxinauá: perspectivas de uma antropologia da vida diária**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 13(38), São Paulo, 1998.

MACELIN, Louis Herns. **A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano**. Revista Mana, n.2, Rio de Janeiro, out.1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131999000200002> Acesso em: 12 de março de 2016.

MICAELO, Ana Luisa Martins. **Essa terra que tomo conta: parentesco e territorialidade na Zona da Mata de Pernambuco**. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, 2014.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza. **Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento na Reforma Agrária: O caso do Saco do Rio Preto em Minas Gerais**. 2006. 134p. Tese. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **O peso do trabalho leve**. In: Revista Ciência Hoje. Rio de Janeiro: SBPC, 1987.

PINA-CABRAL, João; GODOI, Emília Pietrafesa. **Dossiê: Vicinalidades e Casas Partíveis**. Revista de Antropologia, v.57, n. 2. Universidade de São Paulo, 2014.

SCHNEIDER, Sergio; SILVA, Carolina Braz de Castilho e. **Gênero, trabalho rural e pluriatividade**. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** In: Educação e Realidade, Porto Alegre 16 (2): p.5-22, jul/dez., 1990.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (orgs.). **Gênero e Geração em Contexto Rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

SIGAUD, Ligia. et.al. **Ocupações e Acampamentos: Sociogênese das mobilizações por reforma agrária no Brasil.** Rio de Janeiro. Ed. Garamond, 2010.

WOORTMANN, Ellen F. **O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações.** In: GODOI, Emília Pietrafesa et.al.(orgs). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias.** v.II. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.119-130.

ANEXO



Figura 1 – As crianças tocando o gado para o curral
(Janeiro de 2016)

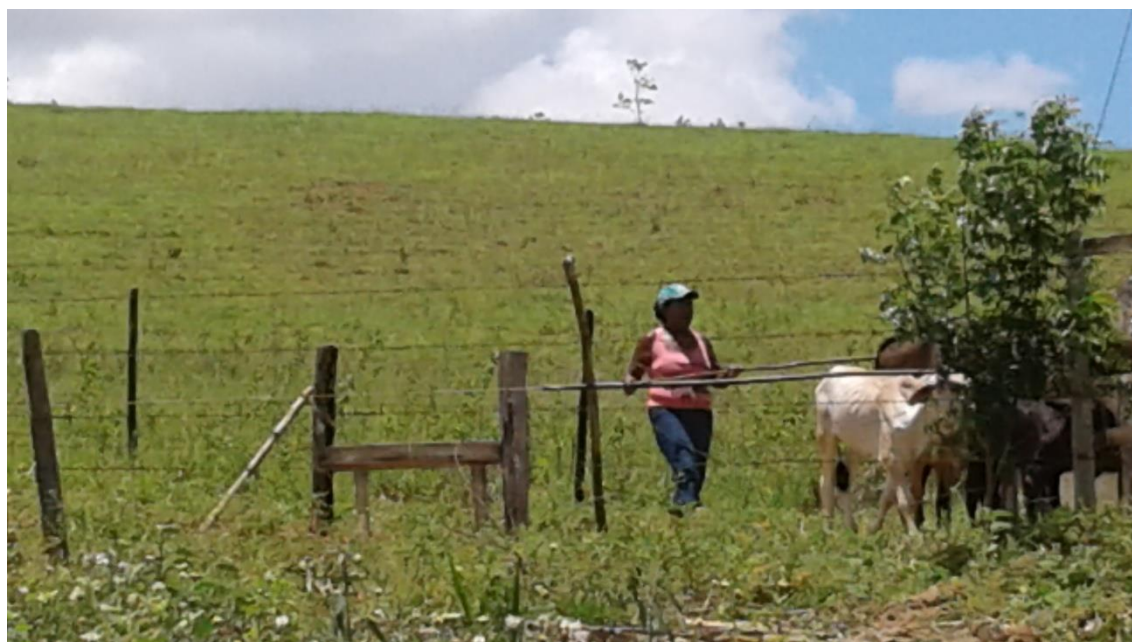


Figura 2 – Assentada e o boi
(Janeiro de 2016)